



Levantamento e catalogação de expressões da cultura popular nos Campos Gerais: Os modos de fala e suas origens.¹

Fabiana Genestra OLIVEIRA²

Sérgio Luiz GADINI³

Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, PR

RESUMO

O presente artigo apresenta dados de uma pesquisa acadêmica em andamento. O mapeamento e o registro do que é a cultura à partir das perspectivas dos modos de falas e identificar os aspectos que, ainda hoje, permanecem presentes no cotidiano da população desta região.

PALAVRAS-CHAVE: Folkcomunicação; expressões populares; cultura.

CAMPOS GERAIS: HISTÓRIA E IMIGRAÇÕES

De acordo com relatos históricos obtidos através do Museu dos Campos Gerais, situado na cidade de Ponta Grossa, e também a partir de alguns trabalhos realizados com o intuito da criação do Geoparque dos Campos Gerais, temos que os mais antigos registros de existência humana na região dos Campos Gerais datam de 2500 anos a.C. Em vários municípios podem ser observadas pinturas rupestres e utensílios destes primeiros habitantes, que pertenciam ao grupo tupi-guarani. Eles ainda habitavam a região quando os portugueses vieram para o Brasil em 1500.

No século XVII, com o objetivo de catequisar os índios guaranis da região, padres espanhóis da Companhia de Jesus, fundaram vários pontos no Paraná. Entretanto, devido ao fato de alguns destes índios servirem como “escravos” aos bandeirantes, esta população diminuiu consideravelmente na região, fenômeno observado também em outras localidades do país.

¹ Trabalho apresentado no no Intecom Júnior – Jornalismo do XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul e realizado de 17 a 19 de maio de 2010.

² Estudante de Graduação do 4º. Ano do Curso de Jornalismo da UEPG, e-mail: biagenestra@gmail.com

³ Professor adjunto do curso de Jornalismo da UEPG e orientador da pesquisa, e-mail: sergiogadini@yahoo.com.br



Aproximadamente cem anos após este acontecimento, índios caingangues passaram a habitar a região e até os dias atuais é possível encontrar tribos nas proximidades, como em Guarapuava.

Entretanto, a identidade histórica e cultural da região dos Campos Gerais remonta ao século XVIII, quando tornou-se rota dos tropeiros do sul do Brasil. Estas tropas viajavam do Rio Grande do Sul com destino aos mercados de São Paulo e Minas Gerais, passando pelos Campos Gerais.

Mesmo com esse forte traço dos tropeiros, é possível notar que algumas das cidades da região, por exemplo, tiveram como marca histórica e cultural, o nome originado na língua indígena como é o caso de Imbituva que na língua Tupi significa “Cipoal”, ou seja, lugar de muito imbé. Uma espécie de cipó. E Carambeí, que na língua Guarani significa “rio das tartarugas” (carambé 'tartaruga' + y 'rio').

Já no século XIX, começaram a chegar aos Campos Gerais os primeiros russo-alemães, que foram fundando suas colônias. Também nessa época chegaram imigrantes italianos, ucranianos, poloneses e sírio-libaneses. No início do século XX, vieram os holandeses e os japoneses, além dos alemães menonitas e russos, por incentivo do governo imperial brasileiro.

Diferentemente de outras regiões do país, estes imigrantes vieram aos Campos Gerais não para serem escravizados, mas para contribuir com a expansão econômica da região, à partir da produção agropecuária.

Nesta época, a região já contava com a estrada de ferro e as colônias próximas podiam comercializar excedentes de produção agrícola pela ferrovia, acelerando o crescimento econômico. Com isso, determinando a permanência definitiva desses imigrantes no sul do estado do Paraná.

Desde aquela época já se falava da importância da linha férrea com a ligação entre São Paulo e Rio Grande do Sul (Rota dos Tropeiros). Naquele momento para alavancar a economia agrícola. Nos dias atuais é repensado uma nova linha férrea para transporte de pessoas, com o intuito de fortalecer o turismo histórico-cultural.

Mesmo após muitas mudanças, como a industrialização e o crescimento urbano, ainda hoje é possível encontrar, principalmente no interior da região, manifestações culturais, usos e costumes, passados de geração para geração, pelos descendentes dos primeiros imigrantes, hábitos dos tropeiros, fazendeiros, caboclos, índios, entre outros que cruzaram a região. Muitas colônias são mantidas até hoje.



A região é uma das que recebeu a maior diversidade imigratória do país. Sendo que os alemães e eslavos foram os que vieram em maior número.

Os poloneses e os russos brancos dedicaram-se a agricultura, os italianos vieram com o espírito revolucionário e foram os responsáveis por algumas formações sindicais no Brasil, já que as colônias fundadas na região não deram tão “certo” por problemas internos. Atualmente, existem algumas famílias descendentes destes imigrantes italianos na cidade de Palmeira, Lapa e Irati.

Os russos e os alemães dedicaram-se mais aos serviços de transporte de mercadorias e obras públicas e urbanas, os alemães menonitas, fundadores de colônias como a Witmarsum em Ponta Grossa, dedicaram-se mais as atividades leiteiras e a avicultura, os Sírio-Libaneses, palestinos e egípcios que chegaram no início do século XX a região dos Campos Gerais trabalharam mais com o comércio e os japoneses dividiram-se em atividades de comércio e agricultura.

Os holandeses, em maior número na cidade de Castro, fundaram lá colônias que depois agregaram também imigrantes franceses. Uma parte fugida da Europa, também dedicaram-se a agropecuária. A região é forte produtora de milho, leite, soja, trigo, aves e suínos.

CAMPOS GERAIS, AGRICULTURA, IMIGRAÇÕES, TROPEIROS E MODOS DE FALA: UMA RELAÇÃO

Esta pesquisa torna-se pertinente, em especial numa região onde a Universidade Pública tem um papel intelectual importante, pois atrai todos os anos não só os moradores e participantes desta cultura, mas também estudantes de todo o Brasil e até mesmo de outros países como Angola. Por isso é preciso compreender e observar a cultura popular regional para, então, analisar como ela se apresenta e quais as estratégias utilizadas na comunicação nas mais diversas relações sociais da contemporaneidade.

O presente artigo visa suscitar o debate sobre as expressões da cultura popular, nos Campos Gerais do Paraná, que operam como relações ou estratégias comunicacionais, conforme indicado por Luiz Beltrão em seus estudos iniciais na área.

Espera-se, assim, que a pesquisa deve trazer elementos sobre tais situações, através de registros fotográficos e também de um documentário a ser realizado e exibido



publicamente, em algumas cidades da região, afim de identificar à partir dos relatos destes atores sociais que resistem, ou não, ao passar dos tempos, com sua cultura preservada, ou que apenas, sejam conhecedores de um passado à respeito do assunto.

Para compreender as expressões da cultura popular nos Campos Gerais que, ao seu modo, potencializam formas e relações de comunicação aos respectivos atores sociais da Região dos Campos Gerais do Paraná, é preciso falar da Folkcomunicação,

Este estudo pretende fazer um levantamento de expressões que fazem parte do cotidiano, características da cultura popular. Para tanto, registros como fotografias e relatos gravados serão parte constitutiva dos resultados finais deste trabalho. Algumas entrevistas informais foram elaboradas até o momento, afim de verificar as possibilidades e desdobramentos possíveis desta identificação do objeto: modos de fala.

Tais levantamentos serão feitos, considerando formatos de expressão (áudio, imagéticos, textuais ou híbridos), temáticos e buscando entender/situar em quais setores e grupos sociais tais manifestações se fazem mais presentes. Em outros termos, pode-se dizer que será realizado um breve – mas importante, atual e plural – levantamento de expressões culturais dos Campos Gerais do Paraná.

A observação (sistemática e de catalogação) inclui, assim, apontamentos, comentários, coleta de manifestações, considerando traços étnicos, linguísticos, orais, escritos, iconográficos, dentre outras relações e formas, conforme sugerido por Marques de Mello (2005).

As manifestações da cultura popular marcam, historicamente, as mais diversas formas de produção social, seja na perspectiva midiática, religiosa, política, literária, dentre outras esferas.

Os Campos Gerais do Paraná compreendem, geograficamente, uma região situada no sul do Brasil e a oeste da escarpa devoniana do Estado do Paraná, denominada segundo planalto, que invade ao norte o Estado de São Paulo e ao sul o Estado de Santa Catarina. Fazem parte desta região 26 cidades: Ponta Grossa, Castro, Palmeira, Lapa, Arapoti, Campo do Tentente, Irati, Cândido de Abreu, Ipiranga, Jaguariaíva, Ortigueira, Piraí do Sul, Porto Amazonas, Reserva, Telêmaco Borba, Tibagi, Balsa Nova, Campo Largo, Carambeí, Imbaú, Ivaí, Rio Negro, São João do Triunfo, São José da Boa Vista, Teixeira Soares e Ventania.



De acordo com a Associação dos Municípios dos Campos Gerais, esta região tem aproximadamente novecentos mil habitantes, além disso, tem como principal agente econômico a agropecuária.

Outro aspecto interessante é que, como esta região conta com uma natureza muito interessante, é também rota turística. Com alguns pratos típicos e uma história marcada pela rota dos tropeiros e uma das mais diversificadas imigrações no Brasil.

Existe um projeto em andamento, com o apoio multidisciplinar de alunos e professores, da Universidade Estadual de Ponta Grossa, para implementação nos próximos dois anos, do Geoparque dos Campos Gerais, no qual os visitantes poderão conhecer locais como grutas que registram as primeiras inscrições, ou seja, os primeiros registros escritos da região. Fotografias destas grutas também farão parte deste trabalho, como instrumento de apreciação (anexo).

A perspectiva de um dos pioneiros dos estudos populares em sua relação com o campo midiático, Luiz Beltrão (2001), considera a folkcomunicação como a “comunicação através do folclore”. A – simples, mas significativa – referência ganhou adesão no meio acadêmico e junto a estudiosos da cultura popular, não por moda ou oportunismo, mas seguramente pela pertinência e capacidade para melhor explicar alguns desdobramentos da relação mídia/cultura na contemporaneidade.

Como explica o professor Osvaldo Trigueiro (2005), nesse jogo negociado entre o local e o global, “os autores populares também projetam na mídia as suas obras literárias, musicais e teatrais. Por sua vez, a mídia se apropria das expressões do imaginário cultural popular com o sentido da ‘espetacularização’ direcionando para a grande audiência uma diversidade de mercados de consumo”.

Nesta perspectiva temos o livro “Jacu Rabudo”, a linguagem coloquial em Ponta Grossa, de Hein Leonard Bowles, que ao publicar alguns modos de fala dos pontagrossenses ganha repercussão midiática e que também será objeto de apreciação e documentação na pesquisa em andamento.

Assim, o cenário da cultura popular encontra – por parte de seus variados atores – uma gama, nem sempre reconhecida de manifestações, que vão do cordel artesanal (como bem ilustra Luiz Beltrão, 2001, p.162), o para-choque de caminhão, passam pelo grafite de rua, placas, cartazes para convite de festa, santinhos religiosos entregues aos transeuntes do calçadão do comércio, envolvem as redes eletrônicas, dentre outros espaços e formatos.



Com a influência das imigrações, da rota dos tropeiros e da principal fonte econômica da região que é rural temos que esta população tem modos de fala bastante peculiares. Como exemplo desta herança temos alguns dialetos, que não necessariamente sejam exclusivos desta região, mas que nesta região são usados cotidianamente por seus atores: “Não tem sabugo que tape”, de acordo com a explicação do Professor Hein Bowles, esta expressão

“vem de uma prática antiga, na qual o porco é sangrado com uma faca que entra pela jugular e alcança o coração. Daí, essa perfuração é tapada com um sabugo, para que o sangue não escorra com vistas ao seu posterior aproveitamento para fazer chouriço. Quando o corte fica muito grande, não há, literalmente, sabugo que tape.”

A Folkcomunicação em geral se apresenta através dos meios de comunicação não formais e a Folkcomunicação integra um cenário de mensagens paralelas à cultura dominante. Neste contexto, a Folkcomunicação se apresenta como a “cultura dos marginalizados”, atores que, de fato, acabam contestando ou incorporando elementos das expressões culturais de outros grupos ou regiões, numa inevitável dimensão conflituosa, típica da circulação acelerada da informação. A questão apresentada por Luiz Beltrão (2004), neste sentido, é que marginalizados não significa necessariamente algo pejorativo, mas sim “um ‘híbrido cultural’, um ‘marginal’ que embora compartilhe da vida e das tradições culturais de dois povos distintos, ‘jamais se decide a romper, mesmo que lhe fosse permitido, com seu passado e suas tradições’” (2004, p.83).

Na região dos Campos Gerais, temos na cidade de Irati duas colônias bastante marginais: a dos ucranianos e dos poloneses. Colônias essas que preservam hábitos culturais de seus antepassados. Por exemplo, na semana santa, mais precisamente no sábado de aleluia, denominações da religião católica, os ucranianos de Irati reúnem-se em uma cerimônia religiosa na qual eles levam numa cesta os alimentos que farão parte da primeira refeição do domingo de Páscoa e também os ovos de galinha que foram pintados artesanalmente (fotos em anexo) para receber as bênçãos. De acordo com a crença religiosa, quem tem este ovo pintado em casa terá uma residência protegida e caso algum mal venha a tentar atingir esta família o ovo se partirá, ou seja, ele guardará o mal para si e protegerá a família.



REFERÊNCIAS

BELTRÃO, Luiz. *Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de idéias*. Porto Alegre: Edipucrs, 2001.

BELTRÃO, Luiz. *Folkcomunicação: Teoria e metodologia*. São Bernardo do Campo: Umesp, 2004.

BOWLES, Hein Leonard. “Jacu Rabudo: A linguagem coloquial em Ponta Grossa”. Editora Toda Palavra, 2009.

CANELA, Guilherme (org.). *Políticas Públicas Sociais e os desafios para o Jornalismo*. São Paulo: Cortez/ANDI, 2008.

GASKEL, George. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.

GADINI, S.L. E WOITOWICZ, K. J. (orgs). *Noções básicas de folkcomunicação*. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2007.

MARTIN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

MELO, José Marques. *Mídia e cultura popular: História, taxionomia e metodologia da folkcomunicação*. São Paulo: Editora Paulus, 2008.

REVISTA Internacional de Folkcomunicação. <http://www.revistas.uepg.br/index.php?journal=folkcom&page=issue&op=archive>. Acervo das edições anteriores.

TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. “A espetacularização das culturas populares ou produtos culturais folkmediáticos”. In: *Revista Internacional de Folkcomunicação*. N. 5 – Junho/2005. www.uepg.br/revistafolkcom